2016 – Ano II – Volume II – Número IX **ISSN – 2358-7482**

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Universidade e Modernidade: reflexões filosóficas

Por: Dean Fábio Gomes Veiga[1]

dean.veiga@pucpr.edu.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir o tema da crise da modernidade na perspectiva da universidade, enquanto instituição promotora do saber e do conhecimento humano. A partir da crise instalada na chamada pós modernidade, modernidade alta e baixa para Giddens (1976) e modernidade liquida para Bauman (2004), pretende-se a partir das discussões acerca da razão em Kant e Habermas debater o papel da universidade em tal, apontando em que medida esta é uma importante ferramenta para a emancipação do gênero humano e para a abertura de meios que combatam a desfragmentação do conhecimento.

Palavras chave: Universidade; Modernidade; Reflexões filosóficas; Immanuel Kant; Habermas.

Resumo:

Ĉi papero celas diskuti la temon de la krizo de la moderneco de la perspektivo de la universitato, dum antaŭeniganta institucio de scio kaj homa scio. El la krizo instalita en post moderneco alvoko, alta moderneco kaj malaltaj por Giddens (1976) kaj likva moderneco al Bauman (2004), intencita de la diskutoj de la racio en Kant kaj Habermas diskuti la rolon de la universitato en tia indikante kio punkto ĉi estas grava ilo por la emancipiĝo de la homaro kaj la malfermo signifas kontraŭbatali defragmentation de scio.

Ŝlosilvortoj: *Universitato; moderneco; filozofiaj interkonsiliĝoj; Immanuel Kant; Habermas.*

1. É mestrando em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Campo Mourão/ PR e Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/ PR. É integrante do Projeto de Pesquisa Esfera pública em Habermans: reconstrução da categoria de análise dos sistemas políticos contemporâneos e é Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre Agostinho e Rawls: um contraponto para pensar a política atual.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

The author did not send the abstract in English. We are sorry for the inconvenience.

1 O PROJETO DA MODERNIDADE EM KANT E HABERMAS

1.1 A MODERNIDADE EM KANT

Imagine um homem que corre em busca de algo que não se sabe o que é. Tal definição dada por Baudelaire para a modernidade representa bem as discussões que apresentaremos no presente texto.

A complexidade em discutir a modernidade, ou até mesmo enquadrá-la em um conceito é, sobretudo, devida a sua natureza polissêmica. Todavia, deve-se por parte dos pesquisadores esforçar-se em buscar uma definição não unilateral. Dito de outra forma, uma abordagem satisfatória da modernidade pode ser efetivada através de um diálogo interdisciplinar.

Diversos pensadores debruçaram-se neste desafio: Kant, Habermas, Giddens e Bauman. Cada um deles em uma perspectiva diferente tornaram possível que a modernidade fosse entendida como um conceito que pudesse ser refletido em uma ótica não apenas de temor pelas suas consequências negativas, mas também pela esperança de novos começos.

Falar de modernidade implica falar do homem moderno. É necessário a análise do sujeito que se vê inserido num tempo histórico que chamamos moderno, que ao mesmo tempo que constrói tal tempo, é absorvido por ele. O filósofo alemão Immanuel Kant é considerado um dos principais pensadores quando a discussão aborda os princípios da modernidade. O contexto da Alemanha do século XVII é o pano de fundo do qual Kant constrói sua obra. A Alemanha de Kant abre-se para o Iluminismo com grande intensidade. As ciências e as artes afiguram-se como categorias de análise

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

essenciais para falar da modernidade. Da pequena aldeia de Konisberg, sem se afastar desta um dia sequer, Kant constrói uma das obras mais clássicas de todo o pensamento ocidental moderno: *A Crítica da razão pura.* Dentre outros objetivos, a presente obra discutiu, sobretudo a possibilidade de elevar a metafísica ao *status* de uma ciência segura, ao mesmo tempo que discutiu o funcionamento da razão estabelecendo de igual modo, seus limites. A razão é colocada no tribunal.

A Conhecida revolução epistêmica de Kant, ao molde da revolução copernicana, imprime novos paradigmas para o conhecimento e para a ciência moderna. A relação sujeito objeto é reinventada. A partir de Kant, o sujeito passa a ter precedência sobre o objeto e este passa a ser comandado por aquele. Os efeitos da revolução copernicana que Kant inaugura na filosofia, refletirão na constituição da identidade do sujeito moderno e também na instrumentalização da razão, temática que abordaremos na seção seguinte a partir das discussões de Habermas.

De todo modo, a perspectiva kantiana acerca da modernidade, é uma das mais esperançosas. A filosofia da história, temática abordada por Kant, acreditam num constante desenvolvimento do gênero humano guiado pela razão. À medida que o homem faz uso adequado da razão este se torna livre e é capaz de aperfeiçoar-se em sentido moral. A filosofia da história kantiana que perpassa a temática do progresso do gênero humano sinaliza a prospecção kantiana destes novos tempos, que a sociedade contemporânea convencionou chamar de modernidade.

Kant vê com entusiasmo o desenrolar da modernidade. O filósofo alemão acredita que a razão, após submetida a uma espécie de tribunal, terá sua validade epistêmica efetivada e assumirá a

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

função de orientar o processo emancipador do homem e, por extensão, da humanidade. É o tempo do esclarecimento.

No texto *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento* de 1781, Kant discute o papel da razão a partir do movimento iluminista que se difundia na Europa a partir da Alemanha. Para Kant o uso da razão deve ser marcadamente o traço da modernidade. Agora a razão torna-se "o tribunal supremo ante o qual há que justificar-se tudo o que em geral se apresenta com a pretensão de ser válido" (HABERMAS, 1990, p. 29).

O uso da razão que implica a saída do homem de sua minoridade marca o novo sujeito do conhecimento, que também podemos chamar de "homem moderno". Tal esperança no uso da razão humana como capaz de libertar o homem da ignorância e abrir seus olhos para o conhecimento e para a ciência iluminista será debatida por Habermas com entusiasmo, porém com cautela. Habermas ressaltará o uso da razão como justificação da técnica e como sustentação de ideologias. Esse tema será abordado na próxima seção.

1.2 A MODERNIDADE EM HABERMAS

Um traço marcante da modernidade é seu movimento contínuo. O tempo passa depressa e as mudanças estruturais das mais distintas esferas da sociedade são intensificadas. Se pudéssemos sintetizar o *corpus* filosófico de Habermas, poderíamos nomeá-lo como um filósofo crítico da modernidade. A temática da modernidade perpassa toda a obra Habermas desde sua tese de doutoramento intitulada: *A mudança estrutural da esfera pública*, de 1951, até os escritos recentes. Habermas discute em sua teoria crítica os

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mais diversos aspectos do que chama de "projeto da modernidade", ressaltando as novas configurações da racionalidade.

Para Habermas (1990, p. 11) há "um deslocamento da modernidade" em sentido epistêmico. A razão passa de seu caráter legislador, como advogava Kant, para a obediência de princípios puramente técnicos e matemáticos: a razão procedimental. Há um atrofiamento da razão na modernidade, reduzindo-a um aspecto puramente formal. Habermas afirma:

> A razão instrumental encolhe-se, reduzindo-se ao aspecto formal, fazendo a racionalidade dos conteúdos depender somente da racionalidade dos procedimentos, de acordo com os quais se tenta resolver os problemas. A validade dos conteúdos volatiza-se na validade dos resultados. (1990, p. 44)

No seu livro *Discurso filosófico da modernidade*, Habermas apresentou de forma detalhada como entende o Projeto da Modernidade. Em suma, a tese de Habermas consiste em, por um lado, defender a Modernidade como um projeto inacabado e, por outro, critica com argumentos as tendências e grupos que difundem o conceito de pós-modernidade.

Para Habermas a razão moderna kantiana encontra-se esgotada, atrofiada. A alternativa é o giro linguístico, que redefine o papel da razão ao lhe dar voz. A solução proposta é a razão comunicativa, conceito introduzido pelo autor cuja tarefa é dar completude ao projeto inacabado da modernidade.

A pós-modernidade para Habermas torna-se, portanto, irracional uma vez que procura dar cara nova a problemas antigos, ou seja, pretende responder questões que apenas o projeto da modernidade pode ser capaz de fazê-lo. A análise de Habermas chega a constatação inicial, que a razão na idade moderna se encontra em

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma encruzilhada. A razão centrada no sujeito se enfraquece pela falta de diálogo consigo mesma. A razão comunicativa seria a solução para tal impasse.

Neste sentido, Habermas discute dois conceitos que serão definidores para pensar a razão na modernidade: o conceito de sistema e de mundo da vida. Tais conceitos são necessários para entender os fenômenos típicos das sociedades complexas cindidas. Sistema e mundo da vida são esferas que funcionam como categorias de análise para entender e explicar o projeto da modernidade.

Para Habermas sistema é a esfera das realizações burocráticas de uma sociedade, onde a razão instrumental impera como a única soberana. A técnica constitui-se como modeladora das ações humanas e a economia aloja-se aqui. Já o mundo da vida é o espaço das mediações linguísticas, espaço eminentemente central para a razão comunicativa. No mundo da vida, a organização das relações do sujeito se dão a partir da reinvenção do projeto do iluminismo centrado na razão operante, que comunica e aproxima os indivíduos. Os seres racionais reunidos através da cultura, que para Habermas é a fonte do saber acumulado pela tradição, passam a ter papel central podendo deliberar e, segundo o agir comunicativo, orientar a sociedade em que vive. Tal tese será aplicada, sobretudo, na *Mudança estrutural da esfera pública.*

Com seu projeto de modernidade, Habermas pretende retomar a razão no sentido iluminista, uma razão aberta, dialógica e centrada em relações de cooperação entre todos os seres racionais orientados pela perspectiva do agir comunicativo. É uma resposta de Habermas ao procedimento instrumental da razão que rege a esfera do sistema. Assim não se pode falar de pós-modernidade, uma vez que a modernidade não chegou ao seu termo, ou seja, não

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

libertou o homem de suas amarras sobretudo a não emancipação deste.

2 A CRISE DA RAZÃO E A UNIVERSIDADE

Os autores que fizemos referência ao longo do texto até o presente momento são unânimes em constatar que na modernidade a razão encontra-se fragmentada, fragilizada e até mesmo doente. A razão que se arrogava da pretensão de libertar o homem da ignorância e emancipá-lo, tornou-se uma ferramenta ideológica na sociedade da técnica, numa referência direta as considerações de Habermas. As relações entre universidade e razão remontam ao início da instituição nos moldes medievais. A construção dos mosteiros pelas companhias religiosas católicas introduz o conceito de universidade, como fonte do saber, a torre do conhecimento aonde é possível residir a tão procurada "verdade cristã". A diversa área do conhecimento, em especial a Filosofia, deve muito a medieval idade, no sentido da proteção ao conhecimento científico resguardado nos palácios e mosteiros religiosos.

Tem, porém, ao mesmo tempo uma dívida grande. Pelo fechamento do conhecimento nos muros das universidades medievais, em épocas distantes, onde a loucura e o irracionalismo dominavam povos, como por exemplo, nos casos bárbaros da inquisição e outras formas de violência, traços obscuros deste período histórico. Seja como for, a universidade iniciada no período medieval, tornou-se para toda a posteridade, um local impar da produção do conhecimento, da crítica e de parâmetros sob os quais se erigiram nações e impérios.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mais do que isto, a universidade imprimiu e imprime padrões civilizatórios a humanidade que possuem valores inexoráveis, como por exemplo, a difusão em caráter universal dos direitos do homem e da dignidade da pessoa humana, temas das humanidades que sempre permeiam as discussões de todas as épocas. A universidade renascentista, por sua vez, avança na difusão da ciência, como a conhecemos nos dias de hoje.

Diversos fatores são apontados como causa das intensas mudanças imprimidas na universidade renascentista. As graves crises econômicas e o intenso debate que se perguntava sobre a função do Estado moderno, são o pano de fundo, para que a universidade pudesse se reinventar enquanto instituição. Os efeitos do movimento humanista que atingira a Europa, não em medidas iguais, sendo mais intenso na Itália e menos difundido em Paris, são as molas propulsoras para uma nova configuração do sistema universitário.

O humanismo, sobretudo com a leitura dos clássicos especialmente das considerações de Erasmo de Roterdã, avançam pelo universo literário europeu. Começa a germinar um caráter mais "científico" e desprendido da tradição religiosa, fonte e sinônimo do método de ensino e pesquisa da universidade até então. A reforma e a contrarreforma marcam decisivamente a separação da fé e da razão (prerrogativa da universidade medieval) deslocando a universidade a ser independente no modo de pensar, fazendo com que esta possa se autogerir sem depender do aval eclesiástico.

Cumpre notar que o processo de secularização que a universidade atravessa é marcado por intensos conflitos que resultam também numa distanciação perigosa entre conhecimento científico e fé, que em nosso entender não traz benefícios para

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ambas as áreas, uma vez que a fé quando torna-se insensível aos apelos da razão pode tornar-se um poder ideológico danoso a sociedade, a conciliação plausível entre fé e razão, continua sendo um desafio. A universidade humanista, talvez seja o modelo mais próximo da universidade como concebemos nos dias de hoje, no entanto um modelo ainda diferente da formação da universidade brasileira.

A partir do século XVII, com as discussões dos pesquisadores Newton e pela intensidade com que os debates acerca da matemática e das ciências naturais, a universidade passa a ter uma relação um tanto conflituosa com a razão filosófica. A razão filosófica é entendida como a categoria central da produção de conhecimento. As humanidades veem o avanço de outras ciências como a Matemática, a Química e a Biologia. Neste sentido, a razão como concebemos nos séculos onde a Filosofia afigurava-se como ciência, passa a ser ameaçada e dar lugar a expansão de outras disciplinas, o que conhecemos como a era da fragmentação do conhecimento.

Descartes é conhecido como um dos filósofos precursores deste movimento, embora haja críticas justas a tal classificação. Com a alegoria da árvore do conhecimento Descartes classifica as ciências em grupos específicos. Tal é a concepção que temos de disciplina na contemporaneidade. Japiassu (1976) compreende ser a partir deste momento em que a classificação dos saberes passa a ser responsável também pela crise da racionalidade. A crítica de Habermas (1991), de uma razão isolada, fechada em si mesmo aponta tal movimento. Neste sentido, que compreendermos alocar-se a relação entre a razão "doente" e o papel da universidade.

A partir da fragmentação do conhecimento, a razão torna-se fechada em si mesma, reflexo também constatado no seio da

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

universidade. Se por um lado, a universidade humanista produziu riquezas do ponto de vista do conhecimento universalizado e dos inúmeros avanços científicos, por outro, pode-se afirmar que a crise constatada no seio da razão tornou-se evidente dentro dos muros dos círculos universitários. Depreende-se do exposto, que ao falarmos da crise da razão fragmentada e ideologizada, podemos compreender também a crise do sistema universitário. Este fato resulta da constatação irrefutável de que Universidade e racionalidade confundem-se em um ou outro aspecto.

Na medida em que a universidade deixa de usar a sua prerrogativa racional, vendendo-se a interesses de grupos e usada como instrumento de ideologia e de favorecimento em favor de grupos dominantes, a razão que necessita da universidade para se difundir, agrava sua doença.

Pretendemos advogar aqui que razão e universidade não podem existir separadamente. Todas as vezes que as deliberações e produção da ciência não passarem pelo crivo da razão tal qual um tribunal de validade, a comunidade científica aproxima-se de graves erros e até mesmo beira a consequências nefastas. Seria muito pessimismo ou até mesmo sensacionalismo, aprovarmos uma constatação como esta, no entanto, na medida que pensamos a universidade como instituição humana voltada para a defesa da ciência e do progresso do gênero humano, compreendemos que a afirmação que a preocupação exposta produz sentido.

Razão e universidade possuem um caráter indissociável. O desenvolvimento da instituição "universidade" apenas é possível uma vez que a razão é o método que confere pretensões de validade a esta. Dito de outro modo, a universidade depende da razão para que tenha suas pretensões validadas. Falamos neste sentido em

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

razão humanista, não apenas técnica e procedimental. Todas as vezes que a universidade deixa de pensar no homem como figura central da construção de qualquer pressuposto, a universidade e o conhecimento se enfraquecem e a perda de identidade acentua-se.

. Uma área de discussão crescente no Brasil a partir da década de 90 é a interdisciplinaridade. Esse crescimento aumentou sobretudo com a criação de uma área de estratégia de pesquisa em programa de pós-graduação pela Capes. Tal marco, parece-nos falar diretamente com a discussão que estamos desenvolvendo. Parece iniciar no Brasil uma corrente de pensadores que analisam a fragmentação do conhecimento e a perda da identidade da universidade como instituição que dialoga com o homem, e pensa na construção colaborativa do conhecimento em oposição ao modelo contemporâneo difundido nos anos 50 e 60 no Brasil, que alimentava a difusão da "razão fechada", da ciência sem consciência para utilizarmos as críticas de Morin (1999).

A interdisciplinaridade poderá ser uma resposta positiva diante da fragmentação do conhecimento, recuperando ao mesmo tempo a identidade da universidade, entendida como promotora do saber e do desenvolvimento integral do ser humano. Só é possível falarmos em desenvolvimento integral do ser humano se pensar em um projeto interdisciplinar que segundo Japiassu (1976, p. 42) é totalmente voltado para:

> Humanização da ciência em detrimento da técnica cega que considera o homem apenas como um meio para o desenvolvimento da ciência e não como um fim em si mesmo. Razão e universidade são, portanto, categorias essenciais no debate da produção de ciência na atualidade.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Morin (1999), conhecido por sua discussão acerca da complexidade e da interdisciplinaridade, oferece-nos luzes para pensarmos a problemática exposta em relação a crise da razão e da universidade. No livro *Ciência com consciência*, o autor problematiza a crise da razão, sobretudo advogando por uma "razão aberta".

No entender de Morin (1999, p. 88) a razão quando se fecha em si mesmo é capaz das mais terríveis atrocidades, uma vez que se transforma em ferramenta ideológica. Na perspectiva do autor é necessário que a razão na pós-modernidade dialogue com as outras formas de conhecimento que não o racional. A arte, a poesia a música que por vezes usam da irracionalidade por exemplo. Trata-se de uma perspectiva que aponta para uma razão aberta, que dialogue com o mundo e não se imponha sobre ele.

Nesse sentido, entendemos o papel da universidade na modernidade. A universidade precisa ser o espaço do conhecimento não apenas científico, mas humano. O espaço da troca de experiências e de ajuda mutua criando pontes entre a sociedade e a ciência, e vice-versa. Não se pode conceber uma universidade fechada em seus muros, apegada a interesses particulares ou de grupos. A universidade precisa recuperar o seu sentido de torre forte compreendida como orientadora de princípios éticos, para onde a sociedade sempre pode recorrer ao passar por crises, que exijam sua reinvenção.

3 UNIVERSIDADE ORGANIZAÇÃO OU INSTITUIÇÃO SOCIAL? UM DEBATE

No Brasil a crise da universidade enquanto instituição possui características peculiares. As privatizações no fim da década 90, e início dos anos 2000, abre uma perspectiva de ausência do Estado

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em promover políticas públicas sobretudo em relação ao desenvolvimento educacional. A partir de 2003, com a chegada do PT no governo, vê-se uma estratégia desenvolventista em relação a políticas educacionais. Programas como PROUNI, FIES, e o Plano de desenvolvimento das universidades públicas (REUNI), começam a trabalhar em direção a democratizar o acesso à universidade, sobretudo por população de baixa renda.

É notável o processo de inclusão universitária a partir de 2003. No entanto, nota-se ao mesmo tempo a insipiência não apenas pela debilidade dos programas, mas sim pelo déficit educacional histórico que o país possui especialmente com a educação básica, que ainda é um desafio a ser sanado.

De todo modo, a universidade brasileira possui um papel importante no desenvolvimento e global de estados e municípios. Não apenas pela sua produção tecnológica e científica, mas pela sua contribuição "humana", entendida como espaço de debate e de produção crítica, de cultura e conhecimento integral.

Em *Universidade em ruínas* (1999, Marilena Chauí da Universidade de São Paulo, propõe-se a discutir a realidade da universidade na contemporaneidade, a partir de uma construção de conceitos e uma revisão histórica e indenitária desta. A partir da dicotomia: universidade instituição social promotora do conhecimento integral, ou universidade como prestador de serviços, Chauí levanta questões indagadoras.

A reforma da Universidade Brasileira moderna, a partir de 1968 e ainda em curso, no sentido de metas não alcançadas e de problemas não explorados e debatidos, não contempla ainda aspectos que julgamos essenciais para que a proposta de renovação da universidade seja efetiva, e esteja à altura de responder os

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desafios que a mutação da sociedade moderna exige.

Se entendermos o papel da universidade, apenas como uma prestadora de serviço, diminuímos seu papel no desenvolvimento econômico e sustentável, correndo assim, o risco de organizar uma sociedade, a partir de princípios meramente técnicos, anestesiando a razão, construindo assim, uma sociedade insensível e acrítica, aos dilemas do próprio homem, uma sociedade não humanista e humanizada.

A proposta articulada a partir deste diagnostico é recuperar o sentido e identidade da universidade como instituição social. Ao falar da reforma da universidade sempre em curso. Chauí(1999,p.217) nos diz que : "O léxico da reforma universitária é inseparável da definição da universidade como organização, instituição social".

Tal é a identidade, da universidade na sua concepção e formação, conforme ainda nos lembra Chauí (199, p.217):

> "Ora desde seu surgimento (no séc. XVIII) europeu a universidade sempre foi uma instituição social, isto é uma ação social, uma prática social, fundada no reconhecimento público de sua legitimidade, perante outras instituições sociais, e estrutura por ordenamento, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade internos a ela"

A Concepção da universidade como instituição social, como vemos no exposto acima, funda-se na ideia de autonomia. Autonomia recorda-nos o sentido kantiano do termo, esta como o uso da razão por si mesmo sem depender de outrem. A universidade configurada como instituição social, autônoma, para deliberar sobre seu funcionamento legal e em termos de produção de conhecimento, cumpre o papel fiel a sua identidade, com a missão de promover, segundo Chauí (1999, p.217): " […] a formação, a reflexão,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

criação e a crítica.

A crise da razão em que fizemos menção em dada parte de nosso trabalho, possui uma relação indissociável com a crise universitária. Todas as vezes que a universidade, abre mão de seu papel de promotora de crítica, tornando-se mera prestadora de serviços, intensifica-se na sociedade, paradigmas de conflitos econômicos, sociais e até existenciais para lembrarmos Giddens (1991).

A universidade no sentido de instituição social, deve promover a reconciliação entre a razão e a sociedade. A universidade, deve, portanto, promover elos, criar pontes entre o conhecimento científico e a vida práticas das pessoas. Deve ser promotora da emancipação do homem, de seu desenvolvimento integral. Não deve se focar apenas em seu aspecto técnico, burocrático, fechada em si mesma com suas regras e normatividade engessadas, mas, uma instituição, que dialogue com a sociedade, propor novas alternativas, aos problemas e dilemas da sociedade contemporânea.

A universidade não pode negligenciar o papel que a sua identidade impõe: de compartilhar seu saber com o mundo, conforme nos afirma Chauí (1999, p.217): "[…] a universidade torna-se uma instituição social inseparável da ideia da democracia e democratização do saber."

Chauí (1999, p.217) nos apresenta em sua discussão a tendência no contexto da pôs modernidade, semelhante a discussão de Giddens (1991), de entender as instituições modernas, se desfigurando, ou seja, o solapamento da tradição que ocasiona a perda da identidade das instituições.

No caso, da universidade, esta passa de um ambiente de

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

produção do saber, de crítica, para uma organização meramente burocráticas, escravizadas por metas técnicas, onde o debate e a crítica ficam para um segundo plano. O capitalismo é um dos fenômenos responsáveis por tal perda da identidade apontado por Chauí (1999, p.18).

A autora entende, que na fase atual do capitalismo, é a crescente expansão de políticas neoliberais pelo globo, sufocam e convertem tudo em "mercadoria e objeto".

O capitalismo utiliza-se do que Giddens (1991) concebe como uma das fichas simbólicas da modernidade: o dinheiro entendido aqui como poder econômico dominante. Giddens (1991p.41) refere-se a esta ficha simbólica nestes termos: "O dinheiro permite a troca de qualquer coisa por outra coisa, a despeito dos bens envolvidos, partilharem quaisquer qualidades substantivas em comum. O dinheiro torna possível a generalização destes devido ao seu papel de pura mercadoria.

A universidade moderna, transformada em organização puramente administrativa, é regida pelas fichas simbólicas das quais, Giddens (1991) faz menção. O dinheiro, o capital econômico é a medida o ponto determinante nas decisões e planejamento da universidade e também dos sistemas peritos, que segundo Giddens (1991, p.37) referem-se a " […] sistemas de excelência técnica ou profissional que organiza, ambiente material e social em que vivemos hoje"

Os sistemas peritos no campo universitário pode ser entendido como a ânsia das universidades em produzir especialistas para o mercado. Cada vez mais afigura-se nas publicidades das IES a formação de "especialistas" técnicos, na linguagem de Giddens, peritos. A universidade perde seu status de uma formação

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

universal, saber sólido, conexo para um saber fragmentado.

A especialização na universidade burocrática é o foco principal do ensino. Enquanto na Universidade entendida como instituição social a aspiração é de um saber integrador interdisciplinar, não fragmentado. A respeito desta dicotomia Chauí (1999, p.219) afirma que:

> " A instituição social, aspira a universalidade. A organização administrativa, sabe que sua eficácia depende da particularidade. Isso significa que a instituição tem a sociedade como seu princípio e sua referência valorativa, enquanto a organização administrativa, num processo de competição com outros que fixaram os mesmos objetivos particulares.

Na perspectiva de Chauí (1999) três são as fases que a universidade brasileira passou até o modelo que temos hoje. A primeira etapa é da universidade funcional, entendida como prêmio a sociedade que vivenciou o drama do golpe militar e a ditadura, nos anos 70, Segundo Chauí (1999, p.220):

> "Essa universidade foi aquela voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Adaptando-se a exigência do mercado de trabalho a universidade alterou seus currículos para garantir a inserção social e profissional dos estudantes no mercado de trabalho".

A universidade dos anos 80, em conexão com os pressupostos dos anos 80, é entendida como a universidade dos resultados. Atenua-se o crescimento do ensino privado, a criação de universidades mistas, com a participação público privado. A participação e interesse de empresas na busca de bons especialistas formados pela universidade é a característica principal da universidade dos anos 80.

O terceiro e último momento da Universidade no Brasil, segundo Chauí (1999) é a universidade operacional. Não há nesse

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modelo uma preocupação, central com o mercado de trabalho, mas a universidade preocupa-se tão somente com a sua sobrevivência. Esta volta-se para si mesma, não dialoga com os outros setores da sociedade, sendo suas metas internas o modelo de gestão.

Este movimento da universidade brasileira demarca especialmente a sua perda de identidade, uma vez que está " Virada para si mesmo, não significa um retorno para si, mas uma perda de si mesma". As consequências deste movimento da universidade são perceptíveis dentro e fora da universidade. Este movimento é entendido por Chauí como universidade órgão administrativo: " Regida por contrastes de gestão avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional, e, portanto, pela particularidade e estabilidade dos meios e dos objetivos.

Este modelo de gestão da universidade como órgão administrativo apenas, não permite a produção do conhecimento de forma livre e autônoma. Segundo (CHAUI,1999, p.219) :Este modelo de instituição é definido por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e a formação intelectual que produzidas em micro organizações ocupam os docentes e estudantes a atividades alheias ao trabalho intelectual:

> O esvaziamento do aspecto formativo, crítico e criador da universidade produz um efeito cíclico afetando também de certa forma a formação docente. A dedicação de professores a departamentos administrativos, ou a perda de horas e horas de trabalho com questões formais e técnicas, afasta o docente do trabalho intelectual, tão necessário para sua formação e para a formação de futuros professores, fazendo deste um especialista em gestão escolar, e não um pesquisador educador.

O desinteresse pela formação docente, especialmente a partir

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dos anos 2000, pode ser explicada por este fenômeno da universidade como órgão puramente administrativo na modernidade.

A este respeito Chauí (1999) afirma que podem ser observados duas causas a primeira é dos mecanismos de trabalho, que desinteressam o discente, e o segundo é entendido da seguinte forma:

> " O recrutamento de professores é feito sem levar em consideração se dominam ou não o campo de conhecimento da disciplina, e a relações entre elas. Assim o professor é contratado ou por ser um pesquisador promissor que se dedica a algo muito especializado, ou por que, não tendo vocação para a pesquisa aceita ser escochado e arroxado por contrastes de trabalho temporário, ou melhor "flexível".

Neste sentido, até o trabalho de pesquisa que originalmente é marcado pelo trabalho da intelectualidade e da reflexão, é reduzido para um mero cumprimento de formalismo e de atenção a prazos de órgãos avaliadores e de agências de fomento. Sem opção no mercado de trabalho, jovens docentes trocam de área ou acabam sucumbindo neste sistema, tornando-se no mercado de trabalho "jovens obsoletos" e descartáveis, ou acabam numa correia de transmissão entre pesquisadores treino para novos pesquisadores" (CHAUI,1999, p.219)

Tais dilemas, caracterizam a universidade operacionalizada, órgão administrativo, que são operam através de dois eixos: transmissão e adestramento (CHAUI,1999, p.219). A consequência de tal fato, é o desaparecimento do traço central da docência: a formação.

Docentes, pesquisadores e discentes, passam a ser concebidos como responsáveis pela produção técnica especializada. A perda da identidade da universidade como instituição social, que pode

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

várias vezes fizemos moção em nosso texto. Chauí (1999) também como Giddens discute a modernidade a partir do estabelecimento de uma nova categoria a pós modernidade. Para Chauí (1999) a pós modernidade é marcada por rupturas com ideias clássicas e ilustradas que fizeram a modernidade.

A universidade burocrática, rompe com estas ideias, sobretudo de ser o lugar onde a razão como entendia os iluministas (Kant, Habermas). Passa-se a uma organização onde a razão é relegada a um plano inferior, como nos demonstra Chauí (1995, p.222 "Oque há de se pesquisar, quando a razão, a verdade a história, são tidas por mitos, espaço e tempo, se tornaram superfícies achatadas, sucessões de imagens pensamento e linguagem se tornaram constructos contingentes cujo valor é apenas estratégico?

Deste modo, a pesquisa na universidade burocrática, tornar-se apenas um trabalho técnico descomprometido com a sociedade e com a crítica, preocupado tão somente em atender critérios de avaliação formal.

Não há na universidade burocrática organizacional, tempo para o desenvolvimento intelectual, especialmente na pesquisa acadêmica, que exige do pesquisador, reflexão, debate, critica, tempo para inovação. "Não há pesquisa que atenda as demandas da sociedade, que dialogue com ela dentro da universidade organizacional". Para Chauí (1999, p.222):

> "Em suma, se por pesquisa entendemos a investigação de algo que nos lança na interrogação, que nos pede reflexão, crítica, enfrentamento com o intuito de descoberta, invenção criação. Se por pesquisa entendemos o trabalho do pensamento e da linguagem para pensar e dizer o que não foi dito nem pensado, se por pesquisa a união de ação coletiva contra a barbárie social e política que passa nossa civilização, é

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

> evidente que não há pesquisa na universidade operacional.

Dado o exposto até o presente momento é necessário fazermos um balanço na investigação proposta no texto.

A crise apresentada pela modernidade como nos apresenta Giddens (1991) afeta diretamente as instituições tradicionais. Tradicional para Giddens não se refere a estruturas arcaicas ou obsoletas, mas sim a padrões de confiabilidade e de segurança.

Na história da humanidade a universidade é certamente uma das instituições mais solidas em sua formação. Mas que a partir do avanço da técnica (Habermas,1991) e com a perda de sua identidade (Chaui,1999) (Giddens,1991), torna-se uma instituição burocrática, desprendendo-se de sua missão de promover o debate crítico e avançar na construção do conhecimento integral humanizado, em defender a ética e a dignidade da pessoa humana.

A fragmentação do conhecimento, a especialização, enfraquece a universidade enquanto produtora de intelectuais, para usar o termo clássico de Gramsci, produção de intelectuais orgânicos.

O processo de modernidade liquida (Balam, 1999) de desencaixe (Giddens, 1991) são processos que atingem diretamente a constituição da universidade, alterando a sua identidade.

Ao termino de nossa reflexão, devemos nos perguntar: como passar de uma universidade organizacional burocrática para uma universidade entendida como instituição social? Primeiramente é importante constatarmos que não se trata de uma tarefa fácil. O empreendimento em questão, exige a reinterpretação e ressignificação, especialmente na cultura e meio universitário do papel da universidade.

Políticas públicas de revalorização da docência, imersão de

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisadores em temas que nos ajudem a construir um arcabouço teórico que aponte para a necessidade de um debate sobre o problema, são em primeiro momento soluções parciais.

A tarefa de estimular tal debate, encontra nas ciências humanas particularmente grandes aliadas. A filosofia a sociologia e também a pedagogia devem tomar a linha de frente nesta batalha ideológica, que confronta o modelo de gestão universitária e de universidade como instituição social, libertadora, produtora do conhecimento e da crítica.

Embora pareça soluções superficiais, indicam um começo considerável que deve ser amplamente disseminado. A crise da universidade brasileira, oferece-nos desafios e também oportunidades. Um trabalho interdisciplinar que envolva todos os setores da universidade, aparecem-nos como uma alternativa viável para criarmos, condições que criem cenários favoráveis de mudança.

A universidade é uma instituição dinâmica, responsável em grande parte do desenvolvimento de microrregiões como veremos no item a seguir, não pode furtar-se ao compromisso que a sociedade moderna em crise lhe impõe: ser luzeiro em problemas obscuros e sempre novas que surgem.

A perspectiva do desenvolvimento social é alvo de constantes debates na sociologia e na economia moderna. Várias significações ao termo foram construídas conforme nos afirma Amaro (2003, p.2):

> Nestes últimos 60 anos, e em particular nos últimos 30 anos, o conceito conheceu várias Versões, tornando-se mais complexo e menos linear na sua concepção e aplicação. Essa Complexidade foi enriquecida pela contribuição de várias disciplinas e pelas experiências de Várias práticas, tornando-se, por seu turno, portadora de múltiplos desafios, quer no que se refere às abordagens interdisciplinares que exige, quer no que respeita às estratégias e aos métodos de intervenção

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que implica.

A dificuldade de definir o desenvolvimento a partir de uma perspectiva única, impõe a necessidade de investigá-lo a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

As relações aparentemente indissociáveis entre desenvolvimento e economia, são características da fase atual do capitalismo, com seu caráter globalizado e imperialista. Oliveira (2002) é um dos autores que discute o desenvolvimento regional a partir de uma perspectiva multidimensional.

Para o autor, há uma evolução no conceito de desenvolvimento ao decorrer da história, sobretudo a partir do final da década de 1990, especialmente na tentativa de descolar a ideia de desenvolvimento de seu aspecto apenas econômico. Para Oliveira (2002, p.4):

> O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e Transformações de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social. Desenvolvimento nada mais é que o crescimento – incrementos positivos no produto e na renda – transformado para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras.

Para Furtado (1982) o desenvolvimento regional deve ser fruto de uma ação colaborativa entre os níveis diversos da sociedade, considerando os aspectos econômicos e sociais da mesma. Seguindo esta perspectiva Haddad (2009, p.128) entende que:

> O desenvolvimento ocorre quando, na sociedade, se manifesta uma energia capaz de canalizar, de forma convergente, forças que estavam latentes ou dispersas. Uma verdadeira política de desenvolvimento terá que ser a expressão das preocupações e das aspirações dos grupos sociais que tomam consciência de seus problemas e se empenham em resolvê-los.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Neste sentido que se insere a universidade, que conforme discutimos na seção anterior tem como papel ser na modernidade uma instituição social que auxilia no desenvolvimento da sociedade, neste caso o desenvolvimento regional. Nesta perspectiva, Haddad *apud Dossiê* (2009): entende que o "desenvolvimento de uma localidade a longo prazo, depende profundamente de sua capacidade de organização social e política, o que se relaciona, em última instância, com a disponibilidade de diferentes formas de capitais intangíveis na região ou localidade.

CONSIDERAÇOES FINAIS

O presente trabalho esforçou-se em discutir as relações coexistentes entre modernidade, universidade e razão. A modernidade como categoria de investigação apresenta-se como algo complexo. Diversas definições são atribuídas ao remetermos ao tema, bem como intensos debates sobre sua validade como período histórico. Pergunta-se: Vivemos em uma era moderna? Estamos na modernidade ou pós modernidade? O projeto da modernidade desgastou-se, sobre estas questões escolhemos desenvolvê-las a partir de três autores de áreas distintas, Kant, Juguem Habermas, Antony Giddens e Marilena Chauí. A distância temporal e conceitual dos autores, apresenta-se como a possibilidade de debatermos em uma perspectiva interdisciplinar.

Tal perspectiva justifica-se pela impossibilidade de enquadrar a modernidade através de um único paradigma. Para Kant, o desenvolvimento da modernidade é visto com grande expectativa. A partir do iluminismo alemão de onde o filósofo fala, os novos tempos são marcados pelo auge da razão e pela superação das trevas da ignorância e do erro causado por doutrinas metafísicas que nada acrescentaram ao conhecimento. A revolução epistemológica em

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosofia, proposta provoca uma cisão na história do conhecimento, reinventando o papel do sujeito e do objeto no processo cognitivo.

Tal revolução trará implicações importantes na constituição da ciência moderna, perceptível ainda nos dias de hoje. Antes de Kant, Descartes e Bacon, esforçaram-se em garantir um método seguro para a ciência. No entanto, a investigação cartesiana, resultou no que pode ser concebido como o início da fragmentação do saber na ciência moderna. Com o positivismo tal fragmentação torna-se aguda e a razão humana, si nomino de segurança e de órgão regulador da sociedade, vê-se fragilizada e doente.

Habermas por sua vez, entende a modernidade como um projeto do iluminismo, que ainda não fora completado. A razão para o filósofo alemão encontra-se instrumentalizada, a serviço da ideologia e do poder dominante. A razão precisa ser libertada de tais amarras que a instrumentalidade a impõe. A razão não pode estar a serviço da técnica, antes precisa criticá-la, indagá-la, dialogar com ela.

O projeto da modernidade está inacabado, pois ainda não levou o homem a emancipação, projeto então que persiste e precisa ser perseguido

Giddens, analisa a modernidade a partir da compreensão que tem de instituição moderna. Oque é a modernidade em relação a sua identidade? Quais são os fenômenos que a caracterizam? O desencaixe, a criação de fichas simbólicas, e da supressão e fragmentação do saber respondem para Giddens o deslocamento da modernidade para uma nova condição de pós-moderna.

A pergunta que se impõe, neste sentido é: qual a razão que pode haver entre a fragmentação do conhecimento, a crise e debilidade da razão e a universidade. Marilena Chauí professora do

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

departamento de filosofia da USP, responde-nos caracterizando a universidade em meio à crise da modernidade, a universidade, que tal como a razão encontra-se em ruínas.

A reconstrução da universidade como instituição social que seja gerida a partir do eixo: formação, crítica, criação, em detrimento da universidade puramente burocrática, que é fechada em si mesma. O papel da pesquisa, como entende Chauí, pesquisa criadora, critica, produção intelectual e não apenas técnica, são meios pelos quais a universidade passa a recuperar sua identidade, e desta forma contribuir com o desenvolvimento integral e multidimensional da sociedade.

No caso da FECILCAM campus de Campo Mourão, desde sua origem o cenário local e regional, passa a ser alterado. O desenvolvimento da região passa pela criação da então Facilcam, e especialmente a elevação recente desta à categoria de universidade.

O Desenvolvimento de uma região deve ser investigado a partir de uma visão multidimensional. Ao falarmos de universidade e desenvolvimento, precisamos além de números (que não podem ser desprezados) identificar, o papel da formação humana que a universidade deve oferecer a seus alunos, professores e colaboradores.

Dado o exposto, o presente trabalho abre perspectivas para novas frentes de investigações a partir dos objetos que foram discutidos.

Aprofundar o debate entre a dicotomia entre universidade organizacional/burocrática e universidade/ instituição social, afigura-se como uma destas frentes. Outra investigação que pode certamente abrir-se a partir desta perspectiva é a do debate

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interdisciplinar na ressignificação da universidade como instituição social.

Por fim entendemos, que a presente pesquisa, cumpre o papel de fomentar um debate que jamais foi esquecido na história das instituições, mas que sempre, ressurge com novas indagações e na busca de igual modo de novas soluções. O caminho está, portanto, aberto.

REFERENCIAS

CHAUI, Marilena . **Universidade em Ruínas** . Rio de Janeiro: Editora Vozes,1999.

GIDDENS, Anthony. "Os contornos da alta modernidade" *In*: _____ . **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 9-38.

GIDDENS, Anthony. "É a modernidade um projeto ocidental" *In*: _____ . **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991, p. 189-193.

HABERMAS, Jurguem. **Pensamento pós metafísico: estudos filosóficos** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1990.

HADDAD, Paulo R. "Capitais intangíveis e desenvolvimento regional" *In* Revista de Economia, v. 35, n. 3, p. 119-146, set./dez. 2009.

KANT, Imamnuel. "Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?" *In* **Textos Seletos** . Petrópolis: Vozes, 2005, p. 63-71. Disponível em: http://ensinarfilosofia.com.br/__pdfs/e_livors/47.pdf

OLIVEIRA, Gilson Batista de . "Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento" *In* **Revista FAE** . Curitiba: FAE, v. 5, n. 2, p. 39-48, maio/ago. 2002.